

O CONCEITO DE ALTERIDADE ATRELADO À EVOLUÇÃO DA REPRESENTAÇÃO SOCIAL DO ÍNDIO NO BRASIL (SÉCULOS XVI, XVII E XIX).

Marília Perazzo Valadares do Amaral

Resumo

As mudanças sofridas pelas concepções de alteridade através do percurso histórico nortearam as visões e percepções etnocêntricas européias diante das populações nativas, através dos textos e imagens que retratavam as diferentes culturas não cristãs. O presente artigo aborda questões pertinentes à estrutura ideológica e cultural na qual o europeu estava imerso no decorrer dos séculos XVI, XVII e XIX. Devido às crenças cristãs arraigadas, os europeus ao narrarem a vida cotidiana dos “gentios”, o fazem da perspectiva deles, desconsiderando toda a estrutura cultural e religiosa dos autóctones.

Palavras-Chaves: Alteridade – Etnocentrismo – Povos Indígenas.

Abstract

The changes undergone by the alterity concepts throughout history guided the Europeans' ethnocentric perspectives and perceptions of native populations, through texts and images depicting non-Christian cultures. This paper approaches issues related to the ideological, cultural framework, whereupon the Europeans lived through 16th, 17th & 19th centuries. Due to embedded Christian beliefs when the Europeans described the daily life of the “gentiles”, they did it within their own perspectives, by disregarding the entire cultural and religious framework of the aborigines.

Keywords: Alterity – Ethnocentrism - Indigenous Peoples.

No decorrer da história da colonização brasileira as imagens construídas pelos colonizadores europeus imprimiram múltiplas visões deturpadas acerca dos indígenas brasileiros. A cultura, os costumes, os mitos e ritos dos indígenas, descritos pelos cronistas europeus, possuíam elementos que não faziam parte do cotidiano dos silvícolas descritos. A descrição dos rituais, os exageros na forma de representar graficamente a cultura, e, até mesmo, os próprios indígenas continham o ranço etnocêntrico do europeu cristão mediante o “outro”, o diferente.

A atribuição de elementos da cultura ocidental no interior das construções literárias dos cronistas quinhentistas nos impele a adentrar no imaginário do mundo ocidental dessa época, para assim, compreendermos as variações da narrativa histórica e a forma como esses homens conceberam as outras culturas. O “outro” é visto com uma carga de subjetividade pertencente ao observador, variando de acordo com o tempo e o espaço onde está inserido. Desta forma, faz-se necessária a compreensão da conjuntura ideológica desses viajantes para, a partir dela, entender em que tempo e em que contexto histórico eles viveram.

A iconografia e a bibliografia que analisaremos no decorrer do artigo estão impregnadas de formas europeizadas e de elementos exógenos à cultura particular de cada grupo. A contextualização destes homens, que introduziram e tentaram sobrepor seus costumes em detrimento aos dos autóctones, é de extrema importância para o melhor entendimento das variadas formas de adjetivação que imprimiram às culturas americanas.

Os esteriótipos forjados pelo discurso colonizador davam aos indígenas feições distorcidas, atribuindo a estes atitudes bárbaras que não faziam parte do universo humano. O não reconhecimento da humanidade do “outro” foi condição *sine qua non* para o desenvolvimento da idéia de humanizar estes semi-homens, perdidos em um mundo de sombras e pecados. Assim, o objetivo desse artigo é observar porque os indígenas foram colocados em patamares de sub-humanização e monstruosidade durante o período da colonização, além de analisar como as visões relacionadas aos “gentios” vão se modificando no decorrer dos séculos.

Imagens Construídas: A Perspectiva Moderna de Alteridade

O século XIV foi marcado por guerras e pela peste negra, que dizimou grande parte da população européia. Estas calamidades atemorizavam os homens pela constância e crueldade das mortes, acreditando estes, estarem vivendo em um período de trevas e castigos divinos. As crenças milenaristas e a angustiante espera pelo anticristo multiplicavam-se, começando a haver, de forma contundente, uma invasão demoníaca permeada por crenças que o pecado estava a dominar o mundo dos homens.

As concepções de alteridade se alteraram gradualmente do medievo para a idade moderna, restando ainda fortes características do dogmatismo cristão da Escolástica. A conjuntura política-econômica havia se modificado nos séculos XV/XVI, fazendo-se necessária a alteração na forma de perceber as culturas adversas. Era imprescindível que a visão do não-cristão, do que seria colonizado, fosse transformada, ou pelo menos aceita. Com a expansão do conhecimento acerca de lugares que acreditavam ainda não estar povoada por humanos, como a América¹ e a África do Sul, e o profundo interesse de se apossar dessas terras, a percepção do “outro” foi se modificando sendo concedido a estes a capacidade de serem salvos.

Durante o século XVI, as visões acerca dos índios foram de reconhecimento, havendo claramente, uma não aceitação inicial, por parte dos cristãos, ao universo e mitos pagãos. Essa repugnância vai se modificando com a necessidade de colonizar e escravizar estes “não humanos”. Colombo ao aportar nas terras americanas afirmara não ter encontrado criaturas monstruosas, como havia previsto, mas sim escutara dos ameríndios, histórias acerca da existência de tais criaturas². Simão de Vasconcelos, padre da Companhia de Jesus, descreve em 1663 as “gentes monstruosas”, onde discorre sobre ameríndios possivelmente míticos³.

¹ THEVET, André. *Singularidades da França Antártica, a que os outros chamam de América*. Recife: Editora Brasileira, 1944. P. 97.

² NETO, Edgard Ferreira. História e Etnia. IN: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História*. Rio de Janeiro: Campus, 1997. P. 315.

³ “Diziam que entre as nações sobreditas, moravam algumas monstruosas. Uma é de anões, de estatura tão pequena, que parecem afronta dos homens, chamados Goiazis. Outra é de casta de gente, que nasce com os pés às avessas de maneira que quem houver de seguir seu caminho há de andar ao revés do que vão mostrando as pisadas; chamam-se Matuiús. Outra é de homens gigantes, de 16 palmos de alto, adornados de

Assim, ao observar as imagens dos indígenas representados ou descritos nesta época, é notória a atribuição de características demoníacas - por parte dos homens que compunham o “habitat civilizado” – aos que não faziam parte da cristandade. O Inferno (Figura 1), pintura da Escola de Viseu, é um exemplo desse etnocentrismo e alteridade. Esta obra possivelmente está representando o Juízo Final, estando esboçado na figura central do Juiz, o Diabo e não Deus. Os monstros e demônios castigam os homens que se desviaram dos mandamentos divinos e privilegiaram seus desejos e instintos. A gula, a inveja, a avareza, a ira, o orgulho, a luxúria..., os pecados capitais são punidos pelos seres das trevas, cada um trazendo a característica peculiar dos pecados em questão. No centro da trama, personificando o Juiz dos homens, está Lúcifer, trajado com indumentária indígena, representando o grande pajé, senhor das trevas e da barbárie. Esta imagem nos impele a reafirmar a máxima existente na época da “demonização” do outro ser, aquele que não está inserido nos preceitos de humanidade e civilidade da época. Vale salientar a influência dos rituais pagãos, visto por muitos como satânicos, quando da observação da circularidade do movimento cenográfico da direita para esquerda, o que está associado a uma dança popular na tradição medieval denominada chorea⁴.

O reconhecimento da humanidade do outro foi um fator de extrema importância nesse período da história dos homens⁵. As transformações sofridas no contexto econômico mundial lançaram as bases para uma superação parcial do modo medieval de conceber o não humano. Começou a surgir no Ocidente novas formas de entender as culturas distintas, não as igualando à cristã, mas aceitando a racionalidade dos outros povos. Esta racionalidade, no entanto, é extremamente cerceada no que tange a comparação com a européia, estando a indígena em um patamar de mutação, de atemporalidade e de inferioridade⁶. Este reconhecimento está demonstrado no discurso do Padre Capuchinho Claude D’Abbeville, quando trata do gênio e do temperamento dos maranhenses,

pedaços de ouro por beijos e narizes, e aos quais todos os outros pagam respeito; têm por nome Curinqueãs...” - VASCONCELOS, Simão de. Crônicas da Companhia de Jesus no Estado do Brasil e do que obraram seus filhos nesta parte do Novo Mundo. In: CASCUDO, Câmara. Antologia do Folclore Brasileiro. Vol. 1. São Paulo: Global. 2002. P.53.

⁴ GONÇALVES, Nuno. *Oficinas de Lisboa*. IN: Grão Vasco e a Pintura Européia do Renascimento. - Esta obra da pintura portuguesa foi atribuída a Jorge Afonso e/ou ao Mestre de Lourinha, e o painel possivelmente data de 1514. P. 394.

⁵ NETO, Edgard Ferreira. História e Etnia. IN: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História*. Rio de Janeiro: Campus, 1997. P. 318.

⁶NETO, Edgard Ferreira. Op. Cit. P.33.

afirmando ser estes capazes de compreender tudo o que lhes ensinam, sendo conduzidos em seu raciocínio pela razão.⁷

A concepção de alteridade medieval se alterava gradualmente, e o estado de barbárie de um ser poderia sofrer mutação⁸. Assim, o papel dos colonizadores era levar a civilização aos bárbaros transformando aqueles semi-humanos ou não-humanos em cristãos civilizados. Mais uma vez justificava-se a colonização e a destruição bárbara das culturas indígenas.

Evolução da Representação Social do Índio

A conjuntura ideológica que marcou o século XVI foi bastante influenciada pela literatura religiosa medieval. As imagens de seres fabulosos penetravam no imaginário da época, proporcionando aos cientistas e teólogos viagens ao mundo fabuloso dos monstros. Era nos textos de viajantes que afirmavam ter visto monstros, os descrevendo de forma detalhada, que os homens da ciência colhiam informações. Cartógrafos, escritores, pintores, todos influenciados ou contaminados pela crença no insólito, inseriam estas criaturas em suas obras, alguns de forma mais contundente como o gravurista Theodor De Bry.

De Bry era protestante e tinha a intenção, com suas gravuras, de denunciar as práticas brutais cometidas pelos espanhóis na América. Exilado em Strasburgo, aderiu uma técnica perfeita de desenhos, reproduzindo as narrativas dos viajantes em imagens que foram o marco desse período de “descobertas”. Baseado nos relatos de Hans Staden e de

⁷ “São extremamente discretos, muito compreensivos a tudo o que se deseja explicar-lhes, capazes de conceber com rapidez tudo o que lhes ensinam; e mostram-se muito ansiosos por aprender e muito aptos a imitar tudo o que vêem fazer. (...) São bons raciocinadores e só se deixam levar pela razão. Porisso mesmo quero que lhes retribuam na mesma moeda. Consideram-se alguns extremamente obstinados; outros dizem que eles são inconstantes, volúveis. Na verdade são inconstantes se deixar-se conduzir unicamente pela razão pode ser chamado inconstância; mas são dóceis aos argumentos razoáveis e pela razão faz-se deles o que se quer. Se obstinam e se mostram firmes na suas opiniões é porque sabem ter razão. Isso é constância. E se suas resoluções parecem absurdas é porque não souberam mostrar-lhes o razoável, ou houve mal entendido, ou falta de confiança nos que não conhecem”. IN: D’ Abbeville, Claude. *História da Missão dos Padres Capuchinhos na Ilha do Maranhão*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1975. P. 224.

⁸ Thevet se refere aos habitantes da América como “estranhíssimos povos selvagens, sem fé, lei, religião e nem civilização alguma, vivendo antes como animais irracionais, assim como os fez a natureza, alimentando-se de raízes, andando sempre nus tanto os homens quanto as mulheres, à espera do dia em que o contato com os cristãos lhes extirpasse esta brutalidade, para que eles passem a vestir-se, adotando um procedimento mais civilizado e humano.”. THEVET, André. *Singularidades da França Antártica, a que os outros chamam de América*. Recife: Editora Brasileira, 1944. P. 98

Jean de Lery - cuja obra foi ilustrada e enriquecida com as gravuras do renomado gravador - as imagens produzidas por De Bry constituem a representação da cultura e dos povos americanos. Sua obra intitulada *América* expõe a amplitude e a interiorização das descrições dos cronistas. As barreiras do tempo e do espaço foram transgredidas pelo autor, e as imagens confeccionadas possuíam intensidade, vigor e realidade, contendo elementos da conjuntura ideológica vigente.

A partir das descrições de Lery, De Bry compôs uma gravura representando o inferno (Figura 2). Nela o litoral está infestado por demônios, em grande parte compostos por características femininas⁹, os quais aterrorizam os indígenas de etnia Tupinambá. Os seres com feições monstruosas, corpos deformados e possuidores de elementos tipicamente demoníacos (rabos, asas e chifres), castigam os indígenas perseguindo-os e machucando-os fisicamente. Observam-se os ameríndios tentando se desvencilhar do ataque, estando esta tentativa denotada na idéia de movimento impressa na representação desses homens, onde suas feições indicam espanto e desespero. O céu do espaço onde a cena se comporta está invadido por demônios voadores, os quais são encontrados semelhantes na esfera terrena, associados aos demais seres demoníacos. No lado esquerdo da gravura encontram-se huguenotes franceses com formas humanas bem definidas - o que não acontece quando observamos os indígenas - e as vestimentas tipicamente européias, sendo estes colocados à margem de toda essa cena diabólica como não fazendo parte do contexto de punição. O indígena que se encontra sob “custódia” dos franceses, parece estar sendo protegido do ataque infernal, provavelmente devido ao assentimento da religião ocidental.

Nessa e em diversas outras gravuras de De Bry, além dos adornos característicos como cocares, enduapes, maracás, podemos observar a presença de inúmeras e coloridas penas coladas no corpo destes homens. Este costume de afixar, muitas vezes utilizando cera das colméias existentes nas proximidades das aldeias, as penas dos pássaros distribuídas no corpo durante os rituais, é amplamente descrito por cronistas como Thevet, De Lery e

⁹ Raminelli remete essa idéia de retratar demônios com formas femininas, ou até mesmo o hiperdimensionamento da participação feminina nos rituais antropofágicos e de preparação do petyn – mingau preparado principalmente durante os rituais, por De Bry (Figura 2) -, a misoginia européia em relação às bruxas e suas seitas satânicas. Esta forma de conceber a mulher foi impregnada pela literatura da época, onde o *Malleus Maleficarum* “exerceu uma forte influência sobre o pensamento europeu ao longo do século XVI”. RAMINELLI, Ronald. *Imagens da Colonização: a representação do índio de caminha a Vieira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1996. P. 101-104.

Staden e nos remete a idéia de adoração a específicos pássaros que representariam ou até mesmo personificariam, através do canto, seus ancestrais.

As gravuras onde De Bry representa as cenas ritualísticas de antropofagia (Figura 3) estão impregnadas de elementos do mundo etnocentrado europeu. Os indígenas ao abrirem os humanos para retirarem os órgãos e assá-los, os fazem de uma forma atípica, cortando-os pelas costas. Esta maneira de “limpar” a presa seja ela humana ou animal, não é procedente, pois a coluna vertebral dificulta o movimento de corte. De Bry, ao retratar tal ato, o faz erroneamente. No entanto, a causa desta falha pode ser o completo desconhecimento da prática de abrir o animal para a higienização, ou mesmo, a intenção de retratar a bestialidade destes indígenas.

Na cena, as mulheres participam ativamente do processo de preparação do alimento. Essa é uma característica do papel das mulheres no seio da sociedade Tupinambá. O caldeirão e a vítima estão sendo preparados para o banquete. As vísceras e a cabeça colocadas para ferver, enquanto os membros do corpo levados para o moquém¹⁰. Ao lado esquerdo da gravura, observam-se duas mulheres carregando, cada uma, um membro humano (perna e braço), estando uma delas com a mão na boca e olhando para o braço inteiro que está a segurar. Abaixo, a esquerda uma criança com feições diabólicas – as quais não se diferenciam da dos adultos - segura a cabeça do cativo; e, a observar toda a cena ritualística, Hans Staden, um pouco afastado, cruza os braços, impressionado com tamanha atrocidade e barbárie. Vale salientar que em suas gravuras De Bry retrata o corpo dos indígenas com formas e curvaturas renascentistas, tendo os rostos dos adultos e das crianças as mesmas características e dimensões, sendo essa característica recorrente em grande parte das gravuras e pinturas quinhentistas.

Nas imagens exageradas dos rituais antropofágicos (Figura 4), onde aparecem braços e pernas sendo assados no moquém, vários indígenas se alimentando de pedaços inteiros de pernas, braços - no lado esquerdo da gravura, uma criança segura uma mão

¹⁰ Espécie de assadeira utilizada pelos tupinambás para assar as carnes que seriam consumidas nas “refeições” ritualísticas. “(...) Por isso usam uma espécie de grelha de madeira que dão o nome de bucan, moquém. Essa grelha é formada de quatro forquilhas de madeira, da grossura de uma perna, fincada no chão em forma de quadrado ou retângulo e sobre as quais se colocam duas varas com outras menores atravessadas e próximas umas das outras. O moquém ergue-se cerca de três pés acima do chão e tem comprimento e largura proporcionais ao número de homens que devem ser moqueados, não raro incrivelmente grande.” IN: D’ Abbeville, Claude. História da Missão dos Padres Capuchinhos na Ilha do Maranhão. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1975. P. 233.

cortada em direção a boca, em um movimento de deglutição – estão contidos elementos que denotam a alteridade do autor. Possivelmente nos banquetes, os índios não comiam peças humanas inteiras, mas sim pedaços cortados cuidadosamente, onde poderiam assá-los e comê-los com mais facilidade. Novamente Staden aparece na cena, desta vez com as mãos elevadas para o céu, com uma expressão de admiração e espanto devido a tamanha “barbárie” dos silvícolas. Esta idéia de representar os Tupinambás carregando braços, pernas e assando costelas inteiras, está associada à idéia de monstruosidade. Vários pintores, cartógrafos, escritores, a partir destas gravuras, passaram a reproduzir o bárbaro e o selvagem, utilizando o exagero quando a representação do ritual antropofágico.

Representar o diferente, o desconhecido, requer mostrar detalhes, mesmo exacerbadamente, que fascine e assuste o leitor pelo diferente. Descrever o nu dos indígenas foi feito por não ser corriqueiro o hábito de andar nu na Europa. Estas diferenças culturais foram de grande impacto na civilização européia, onde o confronto cultural também abalou os intelectuais e viajantes da época.

Nas pinturas quinhentistas portuguesas da cidade de Viseu, encontramos em diversas obras, principalmente nas atribuídas a Vasco Fernandes, representações humanísticas de indígenas americanos. Primeiro pintor a retratar o índio, Grão Vasco, como ficou conhecido, pintou em 1501, um ano após a chegada de Cabral à Terra de Vera Cruz, a obra nomeada Adoração dos Magos (Figura 5). Nesta pintura, na figura do negro Baltazar, um dos reis magos que está a adorar o menino Jesus, são inseridos elementos indígenas na forma como o Baltazar se apresenta. Colocar um indígena de etnia Tupinambá, com toda sua ornamentação singular, dentro de uma cena de tamanha importância para a religião católica, retoma a idéia da possível cristianização do “outro”.

O Calvário (Figura 6), outra obra atribuída a Vasco Fernandes, mostra a possível purificação do índio. Inserindo-o novamente em uma cena bíblica (Crucificação de Jesus), Grão Vasco dá ao indígena o papel do Bom Ladrão, aquele que viveu no obscurantismo do pecado e posteriormente, encontrou a luz, ao aceitar Deus como salvador. Os traços nativos em sua feição contrastam com as formas renascentistas, atribuindo a representação do indígena, formas europeizadas. A idéia de que todo homem possuía potencialidade de tornar-se cristão, bastando apenas à aceitação da palavra divina é bem demonstrada nesta obra portuguesa.

Para analisarmos a dicotomia e a transformação sofrida pela percepção do indígena através das lentes européias, utilizamos as visões quinhentistas/seiscentistas e as do século XIX, onde observamos diferenças notáveis no que se refere à aceitabilidade da humanidade dos ameríndios.

No século XIX, a essência do índio não é concebida como pura. As teorias raciais que se formavam desde final do século XVIII impregnavam os cientistas e racionalistas. Os indígenas, os negros, os mestiços..., todos eram raças degeneradas, selvagens, que precisavam ser civilizadas. A cor, a fibra do cabelo, as medições dos narizes, a angulação dos olhos, estas características assinalavam as diferenças raciais. As teorias eugênicas estavam calcadas na idéia de raça pura, branca e, portanto, civilizada.

Os discursos ocidentais acerca dos índios sofreram diversas modificações entre os séculos XVI e XIX. As visões quinhentistas possuíam um caráter mais ameno no que se refere à percepção dos ameríndios. Havia uma aceitação, como já foi explicitado anteriormente, da essência humana e pura do índio, caso ele adentrasse no mundo cristão. Esta percepção é modificada de forma contundente no século XIX. O sentimento de superioridade extrapola os limites da razão. Os cientistas e teóricos invadem as florestas e aldeias, estereotipando os povos não europeus, ou não arianos, taxando-os de impuros e incivis.

Por outro lado, a necessidade de expansão comercial pelas potências Imperialistas européias fomentava a disseminação de tais teorias raciais. As economias de países como Inglaterra e França, não suportavam mais o mercado interno saturado, sendo necessário ampliar o processo de produção industrial. A única opção para estruturar o lucro era expandir as barreiras de comércio para além dos limites geográficos, uma vez que “a produção depende de muitos povos diferentes, organizados em corpos políticos diversos que produzem e consomem de maneira incontrolavelmente desigual”¹¹. Restava aos países Africanos e Asiáticos a incumbência de consumir os produtos industrializados europeus, fornecendo mão-de-obra e matéria prima barata.

As teorias eugênicas caíram como uma luva no discurso Imperialista. Para justificar a superioridade dos neocolonizadores, a idéia de levar a civilização aos povos selvagens foi novamente utilizada pela “elite iluminada” européia. No entanto, dessa vez a disparidade

¹¹ ARENDENT, Hannah. *Origens do Totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. P. 155-156.

existente entre as “raças” tomou uma dimensão mais ampla, tornando o “outro” além de selvagem, degenerado e inferior. Estes não possuindo capacidade de se tornarem puros como os europeus, estavam condenados, devido à raça miscigenada e impura, a “sub-humanização”.

Os viajantes e cientistas que chegavam à América neste período eram trazidos nas comitivas financiadas pelos Estados europeus, para estudar as culturas, os povos, a fauna e a flora do Continente Americano. Viajante como Rugendas, Von Martius e Von Spix, influenciados pelos discursos em voga na Europa, adentraram no território brasileiro e descreveram com riquezas de detalhes o exótico e o diferente.

A narrativa destes cronistas está impregnada por idéias raciais. Em sua obra Viagens pelo Brasil, Spix e Martius ao descreverem os índios botocudos do Distrito Diamantino, os mostram como indolentes e estúpidos. A descrição dos cabelos, das feições e da forma como se apresentavam eram, na maioria das vezes, adjetivados com elementos que denotassem selvageria¹².

Von Martius, em sua obra Natureza, Doenças, Medicina e Remédios dos índios brasileiros, escreve um verdadeiro tratado etnográfico, partindo das formas e estruturas corporais dos “brasis” - como se refere aos índios - até as doenças, medicamentos, bebidas e plantas míticas utilizadas pelos gentios. A narrativa é repleta de adjetivos que minimizavam os “brasis”, comparando-os com outras raças não européias; afirmando serem estas raças inferiores.

Ao descrever os sentidos dos indígenas afirma que não possuem sensibilidade avançada, estando seu “desenvolvimento subordinado à satisfação das imediatas necessidades da mesquinha vida nas selvas”. Por este motivo, apesar de terem uma alta

¹² “Como todos os índios que havíamos visto até agora, eram também estes cor de canela clara, de altura mediana, estatura atarracada, pescoço curto, olhos pequenos, nariz curto achatado e lábios grossos. (...) As suas feições tomavam aspecto feroz com os batoques de algumas polegadas de diâmetro, que eles metem no lábio inferior e nos lóbulos furados das orelhas. Tanto nos havia causado dó e tristeza a fisionomia desconsolada dos coroados, puris e coropós, quanto agora era de pavor a nossa impressão, á vista destes homens, que, no seu semblante assustador, quase não têm traço de humanidade. Indolência, estupidez e selvageria animal, estampam-se-lhes nos rostos quadrangulares, achatados, nos pequenos olhos esquivos; voracidade, preguiça e grosseria, patenteiam-se-lhes nos lábios estufados, no ventre, assim como em todo o torço atarracado e no andar incerto” IN: Spix e Martius. *Viagem pelo Brasil*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1938. P.57.

percepção instintiva como os demais animais – afirma Martius – os sentidos não possuem uma “sensibilidade requintada”¹³.

Na obra de outro cronista do século XIX, Johan Moritz Rugendas, intitulada Viagem Pitoresca através do Brasil, são apresentadas considerações sobre os usos e costumes dos índios. Os termos pejorativos utilizados, tais como selvagens e incivis, agora mais do que no século XVI, aparecem nas assertivas de forma contundente e violenta. Afirmações como “*não há na história dos povos indígenas, nenhum fato, nenhuma época marcante*”¹⁴ ou , ao fazer uma distinção entre os tapuias e os tupis afirma, “*O que os distingue, principalmente, é o fato de os Tapuias terem membros mais robustos, estrutura mais elevada e um aspecto, até certo ponto, mais humano*”¹⁵, apresentam considerações do momento histórico em que este estava inserido, além de demonstrarem em que esfera da humanidade – e da sociedade – os indígenas se encontravam.

Os índios e os não cristãos foram visto durante o percurso dos séculos como seres exógenos à civilização. As várias representações sobre a cultura, os costumes e até mesmo o porte físico desses homens, estavam permeadas por conceitos polarizados de homem civilizado e bárbaro, e, mais tarde, por conceitos eugênicos que subtraíam à condição de humano. Isto se dava pelo fato de eles obterem o que tinham de mais admirável: a peculiaridade, o exótico – se partirmos do contexto europeu - e principalmente uma cultura e uma estrutura social complexa que divergia da cristã ocidental.

¹³ “*O índio fareja com a narina dilatada se o amigo ou inimigo passou pela mata; vê, ao longe, a caça que ele persegue, por entre os arbustos; distingue homens e animais num horizonte vastíssimo e, ao perto, é agudíssima sua visão para pequenos objetos. Deitado com o ouvido no chão, o aborígene ouve o leve tropel do inimigo disfarçado que o busca surpreender; (...) Com seus olhos pretos enxerga, na espessa escuridão, objetos que escapariam à vista de qualquer branco. Apesar de tudo é meio cego, meio surdo, meio sem tato, meio sem olfato*”. MARTIUS, Karl F. P. Von. *Natureza, Doenças, Medicina e Remédios dos Índios Brasileiros*. São Paulo: Ed. Nacional; (Brasília): INL, 1979. P.30.

¹⁴ RUGENDAS, Johann Moritz. *Viagem Pitoresca Através do Brasil*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1979. P. 104.

¹⁵ RUGENDAS, Johann Moritz. Op. Cit. P.104.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDT, Hannah. *Origens do Totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CASCUDO, Câmara. *Antologia do Folclore Brasileiro*, Vol. 1. São Paulo: Global. 2002.

CUNHA, Manuela Carneiro da. *Introdução a uma história indígena*. IN: CUNHA, Manuela Carneiro da (org.). *História dos Índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

D' ABBEVILLE, Claude. *História da Missão dos Padres Capuchinhos na Ilha do Maranhão e terras circunvizinhas*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1975.

DEAN, Warren. *A ferro e fogo: a história e a devastação da Mata Atlântica Brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

D'EVREUX, Yves. *Viagem ao norte do Brasil: feita nos anos de 1613 a 1614*. São Paulo: Siciliano, 2002.

DELUMEAU, Jean. *História do Medo no Ocidente: 1300-1800, uma cidade citiada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

GONÇALVES, Nuno. *Oficinas de Lisboa*. IN: *Grão Vasco e a Pintura Européia do Renascimento*. Comissão Nacional para a Comemoração dos Descobrimentos Portugueses. Secretaria de Estado da Cultura/ Instituto Português do Patrimônio Cultural. Sevilha, 1992.

LÉRY, Jean de. *Viagem à Terra do Brasil*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1967.

LÉVI-STRAUSS, C..et alli. *Raça e Ciência I*. Coleção Debates. Editora Perspectiva. São Paulo, 1970.

MANDROU, Robert. *Magistrados e Feiticeiras na França do século XVII*. Trad. Nicolau Sevcenko e J. Guinsburg. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 1979.

MARTIUS, Karl Friedrich Philipp von. *Natureza, doenças, medicina e remédios dos índios brasileiros*. São Paulo: Ed. Nacional; (Brasília): INL, 1979.

MEDEIROS, Ricardo Pinto de. *Povos Indígenas do sertão Nordeste no Período Colonial: Descobrimentos, Alianças, Resistências e Encobrimento*. IN: FUMDHAMENTOS, Vol. 1, Nº 2. Recife, UFPE, 2002.

NETO, Edgard Ferreira. *História e Etnia*. IN: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

NOVAES, Adauto (org.). *A Outra Margem do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

PINTO, Estevão. *A estranha figura do “pagé” tupinambá*. In: ACTAS CIBA 3-4. A Medicina dos Tupi-guaranis. Ano XI. Março- Abril de 1944.

_____. *Os Tupi-guaranis*. In: ACTAS CIBA 3-4. A Medicina dos Tupi-guaranis. Ano XI. Março- Abril de 1944.

_____. *Os indígenas do Nordeste*. São Paulo: Brasiliana, 1938.

POLO, Marco. *As Viagens “Il Milione”*. São Paulo: Martin Claret, 2000.

PRIORE, Mary Del. *Esquecidos por Deus: monstros no mundo europeu e Ibero-americano (séculos XVI-XVIII)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

RAMINELLI, Ronald. *Imagens da Colonização: a representação do índio de caminha a Vieira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. , 1996.

RUGENDAS, Johann Moritz. *Viagem pitoresca Através do Brasil*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1979.

SOUZA, Gabriel Soares de. *Tratado descritivo do Brasil em 1587*. São Paulo: Editora Brasiliana, 1938.

SPIX, Johann Baptisti von; MARTIUS, Karl Friedrich Philipp von. *Viagem pelo Brasil*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1938.

STADEN, Hans. *Duas viagens ao Brasil*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1974.

THEVET, André. *Singularidades da França Antártica, a que os outros chamam de América*. Recife: Editora Brasiliana, 1944.

VALENTIN, Bruno. *Conceito sobre a gênese das malformações no correr dos séculos*. In: ACTAS CIBA 3-4. A Medicina dos Tupi-guaranis. Ano XI. Março- Abril de 1944.

VASCONCELOS, Simão de. *Crônicas da Companhia de Jesus no Estado do Brasil e do que obraram seus filhos nesta parte do Novo Mundo*. In: CASCUDO, Câmara. *Antologia do Folclore Brasileiro*. Vol. 1. São Paulo: Global. 2002.

WIGAL, Donald. *Historic Maritime Maps: usece for historic exploration 1290-1699*. Parkstone Press, New York, USA, 2000.

CATÁLOGOS:

Catálogo da Exposição: Grão Vasco e a Pintura Européia do Renascimento. Comissão Nacional para a Comemoração dos Descobrimentos Portugueses. Secretaria de Estado da Cultura/ Instituto Português do Patrimônio Cultural. Sevilha, 1992.

ANEXOS



Figura 1: Inferno. Mestre Desconhecido. Óleo sobre madeira de carvalho. Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa, 1514.
Fonte: Catálogo da Exposição: Grão Vasco e a Pintura Européia do Renascimento. Comissão Nacional para a Comemoração dos Descobrimentos Portugueses. Secretaria de Estado da Cultura/ Instituto Português do Patrimônio Cultural. Sevilha, 1992.



Figura 2: O Inferno. Theodor De Bry. 1592.
Fonte: NOVAES, Adauto. A Outra margem do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.



Figura 3. Preparação da carne humana para o consumo ritual. Theodor De Bry, 1592.
Fonte: QUINTAS, Geórgia de Andrade. A Visão de Alteridade em Albert Eckhout: Fragmentos Visuais do Brasil Holandês. Dissertação de Mestrado. Recife: UFPE, 2002.



Figura 4. Preparação do “Banquete” Antropofágico. Theodor De Bry, 1592.
Fonte: etext.virginia.edu/kinney/america.html



Figura 5: Adoração dos Magos. Vasco Fernandes. Óleo sobre madeira de carvalho. Museu de Grão Vasco, Viseu 1501.
Fonte: Catálogo da Exposição: Grão Vasco e a Pintura Européia do Renascimento. Comissão Nacional para a Comemoração dos Descobrimentos Portugueses. Secretaria de Estado da Cultura/Instituto Português do Patrimônio Cultural. Sevilha, 1992.

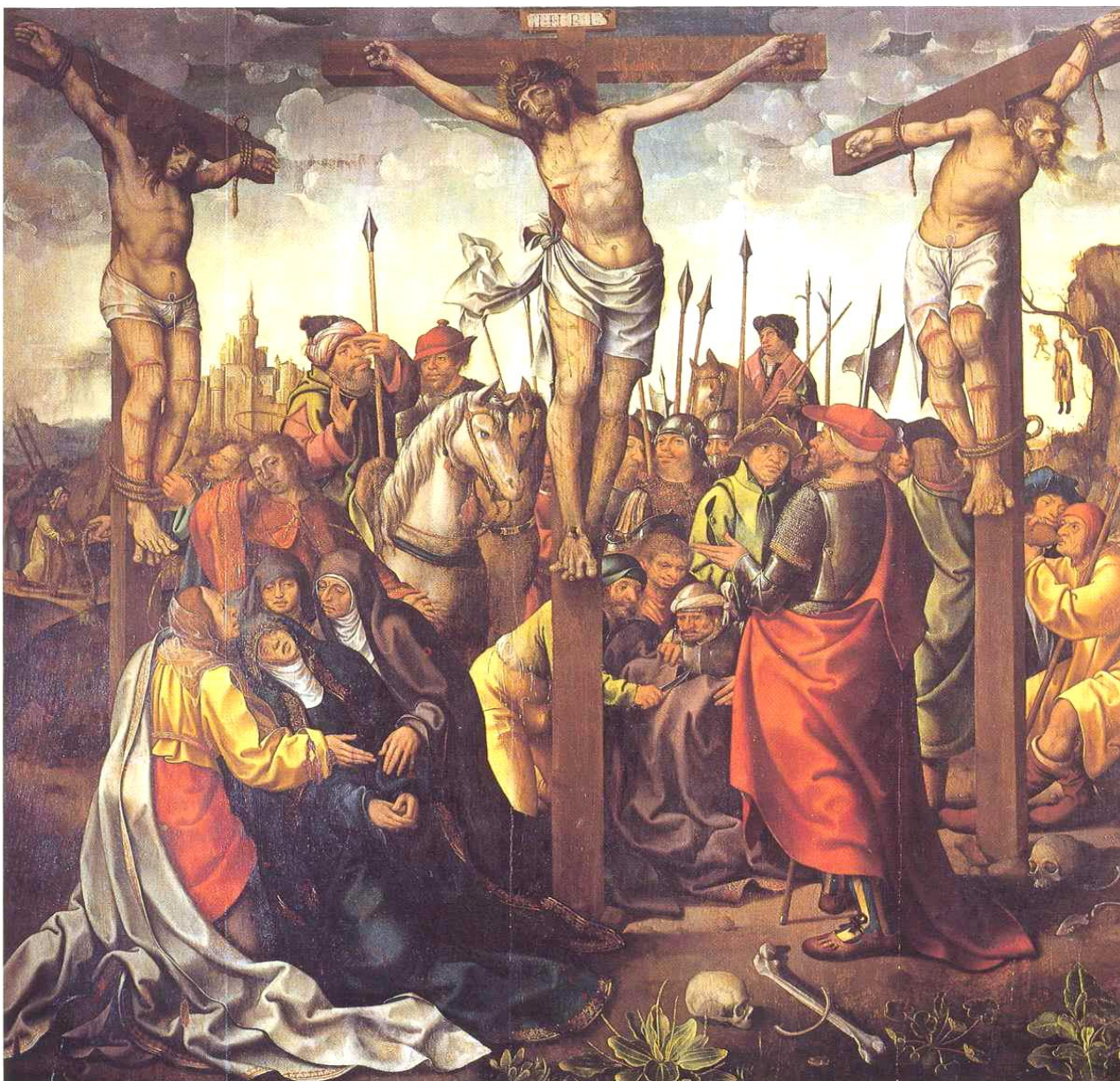


Figura 6: Calvário. Vasco Fernandes. Óleo sobre madeira de castanho. Museu de Grão Vasco, Viseu. 1535 - 40 .

Fonte: Catálogo da Exposição: Grão Vasco e a Pintura Européia do Renascimento. Comissão Nacional para a Comemoração dos Descobrimentos Portugueses. Secretaria de Estado da Cultura/ Instituto Português do Patrimônio Cultural. Sevilha, 1992.